

SILVA RESENDE

Falta meio termo em Barrancos

## Uns caem de exagero outros, de ridículo!...

Os povos em decadência conhecem-se pelo culto das frivolidades e pelo levantamento de questões de lana caprina. Na aresta dos abismos do seu destino histórico, os povos extraviados, em vez de apurarem a inteligência e os sentidos, perdem o sentido das proporções.

O caso de Barrancos é sintomático desta degradação. Se não vejamos.

Não se pode aplaudir que os barranquenhos, sob pretexto de animar as festas da vila, sacrifiquem na praça pública uns tantos toiros bravos com todos os ingredientes das toiradas de inspiração espanhola. Não se deve aplaudir. Mas será caso de tornar isso um problema nacional?

O Governo – seja dito em abono da verdade – caiu nessa esparrela de há uns anos a esta parte. Deu ouvidos a umas pessoas que sofrem de lesões do foro psiquiátrico. E desatou a ameaçar, a prometer punir gravemente, e sempre a ter que abandonar Barrancos pelo caminho dos sendeiros depois de entrar pelo trilho dos leões.

Se mais não houvera – e o País anda cheio desta demissão em pontos infinitamente mais graves – o caso de Barrancos provaria à saciedade que a autoridade do Estado se eclipsou de vez. Os barranquenhos bateram o pé e o Governo encolheu-se. O ministro ameaçou e os barranquenhos fizeram-no engolir a lei.

Resultado: as toiradas de Barrancos não tinham a menor repercussão no País e passaram agora a tê-la. As festas de Barrancos eram coisa de vizinhos e receberam de graça e a seco tal publicidade que não tardarão em exorbitar dos parcos limites da raia. Ora a verdade é que os barranquenhos jamais quiseram, ao longo de tantos anos, fazer dos seus rituais de gosto duvidoso um exemplo, um incitamento, uma desordem, uma conspiração. Isso nunca lhes passou pela cabeça. E tanto que o Estado Novo, cujos mentores não curavam de coisas mínimas, mantiveram a proibição de pé, mas não consideraram que o episódio de Barrancos constituísse ameaça para a segurança do Estado e ao bom nome da população portuguesa.

Não há em Barrancos uma praça de toiros onde se realizem corridas: há uma festa que envolve um simulacro de corrida, e que termina com a morte do animal em público, ali mesmo no centro da vila.

Agora o ridículo.

A novidade deste ano foi que entraram em cena os defensores dos chamados "direitos dos animais".

Devemos entender-nos neste ponto porque parece que o País anda lunático. Os animais não têm direitos por isso mesmo que não têm obrigações. Onde foi que estes exilados do senso comum descobriram o código animal?

Dizem as Escrituras: **animalia propter homines**. Isto traduzido quer significar tão somente que os animais existem por causa dos homens. E nesta justa perspectiva seria tão absurdo conservar um animal para nele cevar gratuitamente ódios, selvajarias e violências (abuso de direito) como transferir para ele os sentimentos morais e os predicados que excedam a esfera dos puros instintos (desequilíbrio psíquico).

Eu posso não gostar do espectáculo taurino e, de facto, não aprecio grandemente aquelas "sortes" nem me seduz a exibição sangrenta em que fatalmente descambam. É a minha sensibilidade pessoal. Pode não ser a do meu vizinho. E se eu – vá de hipótese – qualificar aquilo de barbaridade cometo o mesmo erro dos que ali vêm, como resulta da literatura da especialidade, actos heróicos, valentias sobre-humanas e até nos bichos a virtude da bravura, da nobreza e da coragem...

Colocar-nos-íamos igualmente, embora de quadrantes opostos, a humanizar as bestas e a bestificar os homens, invertendo as leis da vida e a ordem do universo.

Nos últimos tempos, carregando a nota do estapafúrdio que ameaça despenhar a vida moderna num lamaçal de práticas hediondas e de ideias absurdas, surgiram uns novos "cruzados" a defender os animais contra a espécie humana. Uma dessas capitoas é a Brigitte Bardot, que resolveu dar à sua carreira depois que as rugas e as adiposidades a expulsaram da tela, essa nova dimensão e revindicta. Ela passa indiferente, ao que se conta, pelo sudário de misérias e de violências que vai pelo mundo afogado de fratricídios. Mas ai de quem molestar uma foca ou apedrejar um cão! Matem-se os homens, mas poupem-se os gatos.

Salta aos olhos que se desenvolve na sociedade dos nossos dias a visão invertida dos seus valores. Os abandonos, as solidões, as orfandades, as injustiças deixam pelas valetas o lastro do sofrimento. As vítimas, feridas no coração e na alma, buscam encontrar nos animais, e particularmente nos animais domésticos, a soma de "humanidade" que a Humanidade lhes recusa. E fazem neles o seu investimento de carinho e de dedicação que negam, por contrapartida, ao ser humano. Podemos compreender estas carências vizinhas da loucura; mas não temos de as suportar, metidas a martelo, no cenário da vida.

A parada dos defensores dos animais em Barrancos, todos hirtos e solenes na sua posição e silêncio fúnebre, constituiu a apoteose do ridículo. Aquelas fisionomias enlutadas davam vontade de rir. E mais ainda o dístico de luxo que solenemente, vagarosamente, desenrolaram perante as câmaras de TV e os olhares incrédulos da GNR. Esperar-se-ia certamente um testamento histórico ou uma declaração fulminante. E saiu daquela montanha o rato que apelava à morte natural dos bois.

Então aqueles senhores e aquelas senhoras não comem carne ou peixe, isto é, seres que morrem porque o homem os vai matar para comer? Ou já estaremos por aqui a copiar as vacas sagradas dos hindus?

Por falar em TV. Não há dúvida de que os "manifestantes", que se cria formassem um exército capaz de fazer estremecer os alicerces da vila alentejana e acabaram numa insignificância turística sem nenhum sentido prático, contavam com o bombástico apoio das televisões. E tiveram-no. Porque antes das festas, confrontando a eventualidade de violação legal com o enfrentamento da manifestação hostil aos barranquenhos, houve neste país um vero temor de catástrofe. Pois se o coro dos manifestantes até levava como figura de proa o maestro Vitorino de Almeida, esse senhor a tantos títulos ilustre que não falta a boda nem baptizado deste regime da Abrilada, justo seria prever um espectáculo que pela emotividade e excelência das vozes abismasse de remorsos os folgazões de Barrancos e a sua tineta de lidar toiros de morte uma vez por ano...

Meu Deus! Onde está o povo que ergueu os Jerónimos e escreveu os "Lusíadas"? Que é feito do sentido da grandeza nacional restaurado por Salazar?